



J., com depressão, tentou o suicídio. H. luta para se livrar do álcool. Os dois fazem terapia no centro da PM para recuperar auto-estima. Tratamento inclui psicoterapia e acompanhamento religioso

Os homens da lei no purgatório

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

“Antes de entrar para a polícia, acreditava que policial fosse Deus. Me tornei um deles. Quando me deparava com acidentes de carro e homicídios terríveis tinha de ser forte. Aí, chegava em casa e ia beber pra agüentar e esquecer as coisas que via. Uma hora percebi que tava bebendo todos os dias. Virei alcoólatra”.

O depoimento, em lágrimas, foi dado ao **Correio Braziliense**, no início da tarde de ontem, pelo cabo da Polícia Militar H.G.O., 28 anos, solteiro, uma filha de cinco meses e há sete anos na corporação.

Um dia, ele acreditou que era Deus. Frustrou-se quando descobriu que não era, que não tinha superpoderes e o que é pior: era impotente diante do álcool. Mais do que isso: estava doente.

Há nove meses, H. participa do grupo de mais de 40 policiais militares — de uma corporação de 15.800 homens — que são atendidos diariamente no Centro de Assistência Social (Caso) da PM. É um serviço de apoio a policiais com problemas de drogas e álcool, traumas, estresse e conduta ética inadequada.

H. teve de deixar o trabalho de rua — onde ultimamente estava lotado no Batalhão de Trânsito —, devolveu a arma e faz terapia de grupo de segunda a sexta-feira. “Antes de ser policial eu não bebia. Depois, comecei a beber como fuga. Bastava estar de folga. Vivia em função da polícia e as normas aqui são muito rígidas”, confessa.

De dose em dose, a embriaguez. A ressaca — física e moral. Era um policial bêbado perambulando de bar

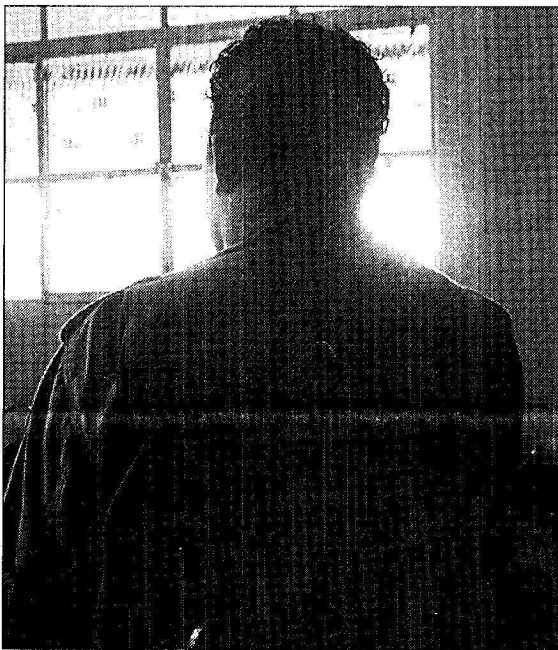
em bar. Sempre atrás da última dose. A culpa no dia seguinte. E assim se passaram seis anos. Vieram as consequências do álcool: agressividade, insubordinação no quartel, dias de cadeia na PM. Os fatais lapsos de memória. Era a evidência que estava doente e precisava de ajuda. “Sabia que precisava de ajuda, mas não tinha com quem contar. Tinha vergonha”, admite. “Não contava com o apoio dos colegas do batalhão”, continua. Um dia, desesperado, H. foi até o seu comandante. “Pedi socorro. Conte a ele que precisava de ajuda. Eu queria viver. Fui encaminhado ao Caso (Centro de Assistência Social da PM).”

UM POLICIAL, UM CRIME

Aos 12 anos, ele começou a tomar cerveja. “Ficava tonto com um copo.” Aos 15, a primeira embriaguez. Nunca mais parou. Aos 27 experimentou cocaína. Casado, dois filhos, M.Q.S., hoje com 30 anos — e há 10 anos na PM — é um homem tentando provar a si mesmo que ainda pode ser um policial.

Soldado exemplar, há dois anos chegou a sargento. Como sargento, estava no fundo do poço. “Minha dependência com a droga falava mais alto do que a vergonha que sentia por ser um viciado. Minha vida e da minha família viraram um inferno”, confessa, com os olhos marejados. “Cheguei a agredir fisicamente minha mulher.”

Um dia, numa blitz de rotina em Ceilândia — onde ia comprar a droga nos pontos de tráfico — foi preso com cocaína. Estava de licença-prêmio e se drogava todos os dias. Acabou preso no batalhão em que servia. “Sabia que era doente. Só que tinha medo de contar e sofrer repre-



O sargento M. passou três anos sem sonhar desde que começou a usar cocaína: dilema de ser polícia

sália na PM.” O dilema de ser polícia e lidar com bandidos o aterrorizava. “Era um sentimento de culpa, de vergonha, de arrependimento”, lembra.

Há dois meses, M. está em tratamento psicológico no Caso. Foi afastado da rua. Tiraram-lhe a arma. “Desde que comecei a usar cocaína, passei três anos sem sonhar. Hoje, eu durmo e sonho”, comemora. “Vou ser sempre um doente e lutar para me manter sóbrio nas próximas 24 horas”, assume. Futuro? “Voltar a ser um bom policial. Só preciso de uma oportunidade.”

J.M.A., de 31 anos, implorou por ajuda. Doze anos na PM, o desgaste do trabalho o levou a um estado de depressão profunda. “Tava tomando remédio controlado. Com a depressão, veio o desajuste familiar, a

separação da mulher e dos dois filhos.” Como se não bastasse, vieram também as dívidas. Tentou o suicídio.

“Uma dia, sem saber mais o que fazer, procurei o comandante do meu batalhão e me abri com ele”, conta. Foi para o centro, saiu da rua e hoje executa serviços burocráticos. “Vou me recuperar e voltar a ter orgulho de mim. Ser policial é o que sempre quis na vida.”

NOVA CHANCE

No Centro de Atendimento, os policiais passam por uma triagem. Há grupos para dependentes químicos, grupos de estresse e, mais recentemente — há menos de seis meses — foi criado o curso intensivo de reciclagem atitudinal. “Este último é para quem está desalinhado com os propósitos da corporação e que precisa ter seu comportamento modificado. Tem a ver com a ética do policial”, explica o major Welison Sabino de Azevedo, 41 anos, chefe do Caso.

Cada policial é avaliado por uma equipe de cinco psicólogos e um assistente social. O tempo de tratamento varia de acordo com o problema. Em média, para dependentes químicos, dura três meses.

Depois dos primeiros 90 dias, o policial faz um acompanhamento semanal durante seis meses. É o que chamam de manutenção. “Neste

período, avalia-se a capacidade dele em voltar ou não à rua”, informa o chefe da psicologia do Caso, Aldi Roldão Cabral, 26 anos.

Para quem apresenta quadro de trauma e estresse — geralmente causado pela sobrecarga e rigor do trabalho — a permanência no Caso é de aproximadamente dois meses. “Nesse período, tenta-se resgatar a auto-estima do policial, com psicoterapia de grupo ou individual, trabalhos com a terra, palestras e, para quem desejar, acompanhamento religioso”, detalha o major Sabino.

Geralmente, os policiais chegam ao Caso quando o problema já tomou proporções bastante sérias. A expulsão da corporação pode ser iminente. “Eles vêm encaminhados pela chefia imediata, que detecta a mudança de comportamento, ou pela família, que já está desesperada, ou vêm sozinhos, numa tentativa de pedido de socorro”, diz Sabino.

“Ele chegam e acham que o centro é o inferno. Quando saem, agradecem e dizem que, sem essa oportunidade, talvez não estivessem mais vivos”, comenta o psicólogo Aldi. “Eles percebem que é a única oportunidade de rever suas vidas.”

Depois que vencem os próprios medos, os policiais em tratamento têm mais uma batalha: encarar os amigos da corporação. Pior: o medo do estigma, da discriminação dentro da PM e de, para sempre, carregarem o estereótipo da fragilidade emocional. “O estigma não é só em relação ao policial. É contra o próprio centro”, admite Aldi. Mas o psicólogo tem contabilizado saldo positivo: “A maioria dos policiais retoma as atividades e se reintegra à corporação”.